



GTAA Setevento

Síntese dos trabalhos 2001-2007

**Programa de Revitalização das Aldeias do Algarve:
a construção de um futuro com fortes alicerces na
memória e saberes do passado.**

João Varejão Faria
Presidente da CCDR Algarve

Mesmo por referência a um Portugal na cauda da Europa, o Algarve era até aos anos sessenta do século XX um dos territórios com níveis de desenvolvimento mais baixos. No seu interior, a sub-região natural da Serra pesava muito em termos populacionais: o valor máximo de habitantes, 75 mil, foi contabilizado em 1950 e correspondia a 23% da região.

As condições de vida na Serra eram más mas pouco diferiam do resto da região, o que, associado às más acessibilidades, contribuía para manter uma população significativa apenas suportada por uma economia agrícola – de solos pobres e esgotados pelas sucessivas políticas de incentivo às culturas cerealíferas – pouco além do limiar de subsistência.

O panorama alterou-se na segunda metade do século XX.

O desenvolvimento industrial em torno de Lisboa, sobretudo a sul do Tejo, a emigração para a França e Alemanha, a aposta no turismo, particularmente no litoral do Algarve, criaram hipóteses alternativas de empregos mais bem remunerados.

As populações da Serra não hesitaram então em aventurar-se ao encontro destas oportunidades de melhoria das suas condições de vida. E foi assim que a Serra passou dos 75 mil habitantes em 1950, para 35 mil em 2001, caindo o seu peso na região de 23% para 9%.

Na ausência de qualquer intervenção, seria a própria demografia – mantêm-se no interior sobretudo os idosos – que agravaria naturalmente esta tendência. Com o objectivo, não de voltar aos níveis quantitativos do passado, mas de garantir os limiares populacionais imprescindíveis à sustentabilidade do território, as intervenções financiadas por fundos comunitários têm procurado, já em períodos anteriores, criar condições para a fixação de população nos territórios rurais.

Com a consciência de que, a prazo, o sucesso depende das condições de atractividade da Serra – qualidade de vida, habitação em condições mais favoráveis, empregos, boas acessibilidades aos centros urbanos – o Programa Operacional do Algarve consagrou no Eixo 2 uma Medida à Revitalização das Áreas de Baixa Densidade. Nesta destacou-se a intervenção “Aldeias do Algarve” que, inovando, procurou explorar o efeito de rede das diversas intervenções na sub-região.

Os Gabinetes Técnicos de Apoio às Aldeias – GTAA (Barlavento e Sotavento) – nasceram para planejar e concretizar a intervenção nas Aldeias e começaram por elaborar, em conjunto com os demais actores regionais, Planos de Intervenção onde se identificam os projectos a executar em cada Aldeia e território confinante.

O trabalho de levantamento dos conjuntos edificados e envolvente paisagística, fundamentou propostas de intervenção orientadas para a revitalização das Aldeias e a resposta a aspirações expressas pelas populações.

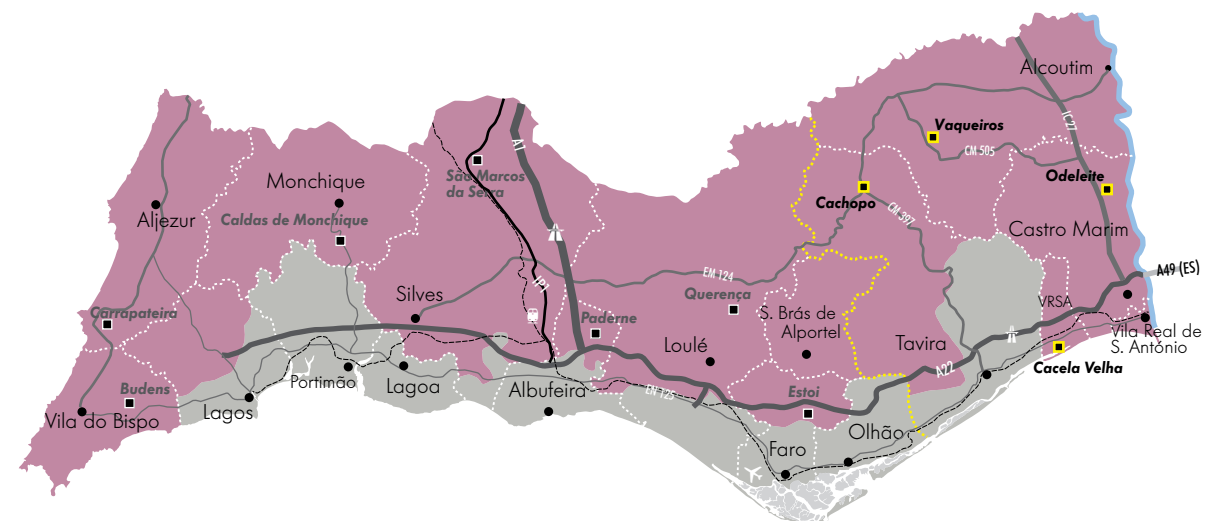
O estudo “recuperação e utilização de materiais e técnicas de construção tradicionais”, quer para a recuperação de edificações quer para a execução de novas obras, constituiu a base de uma intervenção com uma linguagem arquitectónica contemporânea fortemente marcada pelos saberes locais. A utilização de técnicas tradicionais é visível nos projectos materiais, alguns deles executados com o concurso de mestres e artesãos locais “transformados”, por iniciativa e insistência do GTAA Sotavento, em colaboradores e formadores de equipas técnicas das empresas construtoras.

Em jeito de balanço, pode afirmar-se que as expectativas iniciais foram superadas. O investimento aprovado para as Aldeias do Sotavento representa 172% do valor inicialmente programado, o que, só por si, dá uma noção da dinâmica criada.

O livro que agora se publica testemunha o trabalho realizado pelo GTAA Sotavento nas Aldeias de Cacela Velha, Cachopo, Odeleite e Vaqueiros: a renovação e revitalização dos aglomerados urbanos é a sua face visível; a partilha de saberes, o reforço da auto estima das populações rurais e a identificação dos factores de diferenciação de cada território são a sua face oculta, mas são fulcrais na construção de um futuro com fortes alicerces na memória e saberes do passado.

**Mapa Algarve Baixas Densidades
e rede viária estruturante**

- Áreas de Baixa Densidade
- Aldeias do Barlavento
Carrapateira, concelho de Aljezur
Budens, concelho de Vila do Bispo
Caldas de Monchique, concelho de Monchique
São Marcos da Serra, concelho de Silves
Paderne, concelho de Albufeira
Querença, concelho de Loulé
Estoi, concelho de Faro
- Aldeias do Sotavento
Cachopo, concelho de Tavira
Vaqueiros, concelho de Alcoutim
Odeleite, concelho de Castro Marim
Cacela Velha, concelho de Vila Real de Santo António
- sedes de concelho
- Limite
Aldeias Barlavento/Aldeias Sotavento
- Limite de concelho



• 25 km •

Prefácio

Miguel Reimão Costa

Coordenador da
equipa de projecto
2001 2004

Grande parte dos projectos que o Gtaa Sotavento desenvolveu ao longo dos seus sete anos de existência correspondem, como é perceptível na presente publicação, a espaços do interior serrano do Algarve oriental, vinculados a uma arquitectura vernacular de caracteres específicos que se encontrava então pouco estudada. A quase completa ausência de informação em domínios fundamentais ao próprio Programa – como o dos processos construtivos ou da organização dos conjuntos edificados à escala do assentamento – conferiram ao Gabinete uma competência complementar associada à indispensabilidade dum processo de investigação sobre aqueles domínios, que pudesse suportar a elaboração dos projectos técnicos ou a participação nas equipas responsáveis pela elaboração dos Planos de Intervenção.

Esta vertente de investigação adquiriu assim uma dimensão iniciática que iria preservar a sua relevância ao longo do processo, até adquirir novo fôlego nesta fase final de balanço, marcada por um conjunto de iniciativas de reflexão e divulgação que incidem, justamente, sobre as temáticas que constituíram a sua génese. Destas iniciativas destacaríamos o seminário “*Materiais e técnicas de construção tradicional: um património com futuro?*” e a Oficina “*Materiais e técnicas de construção tradicional: conhecer para agir*” realizada no final de 2007 em Cachopo.

A inventariação das técnicas construtivas tradicionais informou, numa primeira fase, os projectos técnicos de intervenção no espaço livre e edificado, evoluindo, num segundo tempo, pela experimentação propiciada pelo processo de acompanhamento de obra, que contou frequentemente com a participação desejável dos mestres locais, acabando, numa fase final, por enquadrar o retorno ao trabalho de campo com vista à elaboração de uma publicação sobre materiais e processos construtivos da arquitectura da zona.

Indissociável desta vertente da investigação, o estudo do património rural construído estendeu-se das aldeias previamente seleccionadas aos montes melhor preservados, permitindo identificar um conjunto de acções que seriam previstas nos diferentes Planos de Intervenção, aproximando a estratégia do Programa ao Território. Este domínio da investigação, que indirectamente acabará por marcar uma publicação editada em 2004 sobre o “*Património rural construído do Baixo Guadiana*”, terá complementarmente uma influência decisiva ao nível das diferentes opções consideradas à escala projectual.

Ainda que ditado por imperativos de projecto e condicionado pelo plano de actividades do gabinete, o processo de investigação que acabamos de descrever acabou por constituir um corpo que se autonomizou, marcado em sucessivas fases pela participação dos habitantes da serra, que se pretendeu que fossem, afinal, os actores e os destinatários fundamentais deste trabalho.

É neste quadro de complementaridade entre vários domínios – da investigação ao plano e ao projecto – que se enquadra a divulgação do presente trabalho, não tanto com o desígnio de considerar os propósitos específicos de cada projecto, mas procurando reflectir uma estratégia transversal de intervenção que, num contexto específico como o de um programa de revitalização de áreas de baixa densidade, tenta retomar, a várias escalas, as técnicas e os processos construtivos tradicionais em âmbitos distintos como o da reabilitação ou o da arquitectura contemporânea em espaço rural.

mapa Aldeias do Sotavento

- concelho de Alcoutim
- concelho de Castro Marim
- concelho de Tavira
- concelho de Vila Real de Santo António

- aldeias do Sotavento
- outros projectos Gtaa



Enquadramento

Vitor Ribeiro

Coordenador da
equipa de projecto
2005/2007

Do programa ao plano: o Programa de Revitalização das Aldeias do Algarve e os Planos de Intervenção de Aldeia

O Plano Estratégico para as Áreas de Baixa Densidade do Algarve¹, elaborado no âmbito do Eixo 2 do Programa Operacional do Algarve 2000-2006², integra um conjunto de medidas articuladas divididas por três programas gerais, no seio de um dos quais – o Programa Prolocal, do qual constituía a Medida 1 – a *Iniciativa de Revitalização das Aldeias do Algarve* assumia um carácter emblemático nessa estratégia, que em última análise pretendia contrapor ao tradicional binómio sol/praias que garantiu ao litoral um desenvolvimento urbano e socio-económico bastante superior à média da região, um produto integrado e coerente que articulasse a valorização do património local e os recursos naturais. O Programa das Aldeias, como se tornou vulgarmente conhecido, agrega nesse sentido um conjunto de acções, que se pretendia consistente e articulado, que vão desde o projecto de arquitectura às acções de dinamização sociocultural, integrando quer os projectos de criação de infra-estruturas e equipamentos públicos quer o apoio a iniciativas privadas. Estas acções visavam, no essencial, a recuperação do património construído e a salvaguarda dos valores paisagísticos, a promoção e dinamização socioeconómica, e a criação de uma imagem e um programa de animação para as Aldeias do Algarve, entendidas como produto que embora salvaguardando as características próprias de cada núcleo e território associado pudesse ser apresentado de modo coerente, de forma a induzir ou reforçar dinâmicas susceptíveis de fixar e atrair população.

Como ideias chave a reter, as intenções do Programa apontavam para a “operacionalização de uma política activa de qualificação do urbanismo rural”, a “identificação de uma clara coerência entre objectivos, projectos e acções”, a “integração das acções sectoriais” e a “mobilização de recursos e actores para a construção de um trabalho em rede”, colocando sempre a ênfase na importância da participação como factor essencial ao sucesso da iniciativa.

Determinado o seu âmbito e quadro de vigência, tornava-se essencial desenhar para cada aldeia um instrumento orientador – que irá assumir a forma de Plano de Intervenção (PI) de aldeia – que identificasse os projectos a apoiar e, a partir da definição das metodologias e processos de intervenção mais adequados a cada caso, permitisse dar “coerência, eficácia e celeridade” à respectiva elaboração.

A estratégia implícita aos PI's, na sua generalidade, assenta num



Plano de Intervenção de Odeleite:
proposta síntese de intervenção

figura 1
Santa Rita, Requalificação
urbana do espaço público
f A J



conjunto de acções e projectos articulados visando, por um lado, a melhoria da qualidade de vida das populações e, por outro lado, a valorização e promoção da imagem e identidade urbana de cada núcleo, através do ordenamento do espaço público em articulação com os processos de intervenção da envolvente exterior (fachadas e coberturas) do edificado privado e nas acções de reabilitação do património natural e edificado, e criando as condições para o respectivo desenvolvimento socioeconómico, criando ou apoiando estruturas de utilização colectiva e iniciativas privadas de índole turística essencialmente vocacionadas para a promoção do património local, apoiando o respectivo desenvolvimento e, sobretudo, diversificação.

Do plano ao projecto: a criação dos Gabinetes Técnicos de Apoio às Aldeias no âmbito do PRAA

A criação dos Gabinetes Técnicos de Apoio às Aldeias (GTAA) surge como resposta à necessidade de tornar operativas as acções previstas no PI's assim como fazer a articulação entre as várias escalas de planeamento, de projecto e de acompanhamento das várias intervenções, contribuindo com a definição de um conjunto de princípios e metodologias de intervenção, transversais às várias aldeias e que permitissem garantir a necessária coerência – a que poderíamos chamar ‘unidade na diversidade’ – passível de atribuir aos seus resultados a característica de produto reconhecível.

Fruto de uma acção articulada entre a Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve e as Autarquias envolvidas, os dois Gabinetes criados – um no Sotavento, ao qual ficaram associadas as aldeias de Cacela Velha, Cachopo, Odeleite e Vaqueiros; outro no Barlavento, com as aldeias de Budens, Caldas de Monchique, Carrapateira, Estoi, Querença, Paderne e São Marcos da Serra – constituíram estruturas operativas de âmbito multidisciplinar, que integravam arquitectos, arquitectos paisagistas, engenheiros técnicos civis, engenheiros técnicos electrotécnicos, medidores-orçamentistas e, no caso do Sotavento, ainda um designer, orientadas essencialmente para a elaboração dos projectos associados às acções identificadas nos Planos de Intervenção de cada aldeia.

A duração prevista para os Gabinetes era a correspondente à vigência do III Quadro Comunitário de Apoio, que os suportava através dos fundos associados ao Programa, com uma primeira fase a decorrer entre 2001 e o final de 2003 e uma segunda fase entre meados de 2004 e o final de 2007.

GTAA Sotavento: tipologias de projecto

Da experiência e conhecimento adquiridos na fase preparatória dos Planos de Intervenção pelos técnicos contratados do GTAA Sotavento, ao colaborarem nos levantamentos da situação, resultaria a formulação de um conjunto de princípios de coerência transversais a todos os projectos a elaborar, relativos nomeadamente ao aproveitamento das formas de apropriação e uso do espaço público e das técnicas e materiais construtivos tradicionais característicos do território de acção, elegendos como objectivo a recuperação do seu uso e aplicação. Os princípios atrás referidos, que informam as metodologias de que a seguir se falará, cruzam transversalmente as cinco tipologias fundamentais de projectos³ elaborados pelo Gabinete e em que se inscrevem a generalidade das acções identificadas nos Planos, nomeadamente:

1. **Projectos de intervenção de conjunto e reabilitação urbana**, os quais correspondiam às acções que se pretendia mais emblemáticas, comportando três vertentes de intervenção: o enterramento das infra-estruturas aéreas (electricidade e telecomunicações); a repavimentação e valorização dos espaços exteriores (incluindo a substituição do mobiliário urbano e iluminação pública existentes); e, em algumas aldeias, a intervenção na envolvente externa do conjunto edificado privado privilegiando a preservação de exemplares significativos da arquitectura vernacular em detrimento da correcção de dissonâncias. Estes projectos podem corresponder a uma acção única alargada a toda a aldeia – como são os casos de Alcaria Queimada e Santa Rita [figura 1] – ou a uma intervenção faseada em consonância com os perímetros delimitados nos planos [figura 2];

2. **Projectos de ordenamento e requalificação do espaço público**, aos quais estava associado o objectivo de valorização dos espaços públicos relativos às principais entradas das aldeias e/ou outros não integrados nas áreas de intervenção prioritária no âmbito das intervenções de conjunto, e diferenciando-se destas essencialmente pela ausência de intervenção na envolvente externa do conjunto edificado privado [figura 3];



figura 2
Cachopo, Intervenção de conjunto
na envolvente da Rua 1º de Maio e
Largo da Igreja
f S M

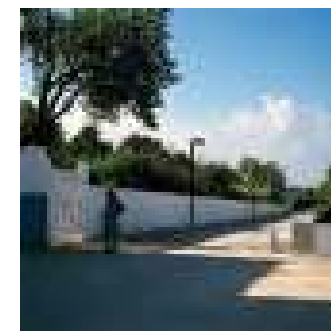


figura 3
Cacela Velha, Requalificação da entrada
da aldeia
f A J

figura 4
Vaqueiros, Reabilitação do edifício da Igreja Matriz
f A J

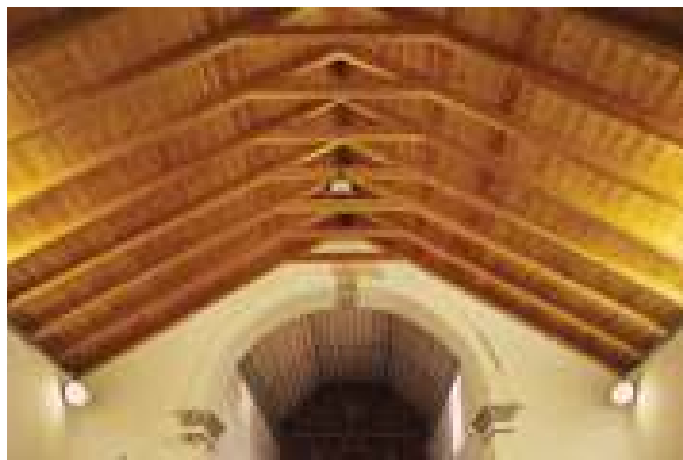


figura 5
Cachopo, Reconstrução do Moinho Branco
f A J



figura 6
Vaqueiros, Edifício polivalente
f G T A A

3. Projectos de reabilitação e valorização do património histórico e cultural, de que se destacam as intervenções nas Igrejas de Vaqueiros [figura 4] e Cacela Velha – cujos projectos e, no caso de Vaqueiros, também acompanhamento de obra contaram com o apoio da Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais ao abrigo de um protocolo celebrado entre a CCDR Algarve e aquela entidade – os projectos de reconstrução do Moinho Branco [figura 5] e recuperação das construções de planta circular, em Cachopo, ou a ainda a reabilitação da Casa do Pároco de Cacela Velha;

4. Projectos de criação e qualificação de estruturas e equipamentos de utilização colectiva com importância ao nível da dinamização sociocultural e do apoio ao desenvolvimento das actividades económicas, projectos esses cuja elaboração, apesar da variedade programática correspondente, predominantemente associada a conjuntos multifuncionais, comporta geralmente a articulação de dois propósitos de intervenção distintos: por um lado a reabilitação de edifícios preexistentes, e por outro a ampliação em novos edifícios, como sejam os casos da reconversão da Escola Primária de Santa Rita em Centro de Investigação e Informação do Património de Cacela, da Casa da Aldeia e Jardim de Cachopo e do Edifício Polivalente de Vaqueiros [figura 6];

5. Projectos de articulação do núcleo edificado com a envolvente paisagística, procurando a valorização da envolvente paisagística e a relação do núcleo edificado das aldeias com os espaços de interesse na sua proximidade, correspondendo, nas aldeias da Serra, a intervenções em azinhagas e em espaços de apoio às actividades produtivas. Cabem nesta categoria os projectos de requalificação do Acesso ao poço e da Azinhaga de acesso às construções de planta circular [figura 7], ambos em Cachopo, ou ainda a Valorização do percurso envolvente à ribeira de Odeleite, nesta aldeia.

Poderia ainda ser referida uma sexta tipologia relativa a projectos de apoio à iniciativa de promotores privados, que na prática correspondeu a um único projecto elaborado em que se associam dois propósitos diversos mas, à luz daquela estratégia, complementares, como sejam: a valorização e revitalização da produção artesanal, através, no caso em apreço, da criação de uma pastelaria com fabrico próprio de doçaria tradicional; e a reabilitação de um imóvel com relevante valor patrimonial relativo à arquitectura popular.

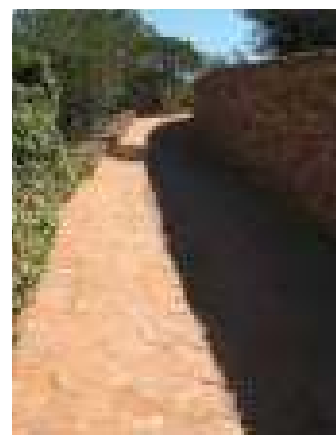


figura 7
Cachopo, Requalificação da azinhaga de acesso às construções de planta circular
f G T A A

Princípios gerais que informam as metodologias de intervenção

Como bem lembra a **Declaração de Tlaxcala** de 1982⁴, “para preservar a atmosfera tradicional nas localidades rurais e nas pequenas aglomerações e para permitir a continuidade de manifestações arquitectónicas vernaculares contemporâneas, é necessário dispor não apenas dos *materiais*, como das *técnicas tradicionais* [de construção]”, daí que esse objectivo procure, por um lado, cumprir-se na incorporação que é feita desses materiais e técnicas nos projectos e respectivas obras – quer em contexto de intervenção em preexistências de características arquitectónicas vernaculares quer relativamente a novas construções com linguagens contemporâneas – afirmando-se ainda na intenção de indução de efeitos demonstrativos capazes de fazer despertar do esquecimento os saberes e práticas que lhes estão associados, revelando a sua importância para a afirmação da identidade local e reforço da sua atractividade no contexto do turismo cultural. Após décadas em que os materiais e as técnicas de construção tradicional foram sendo ultrapassados pela voragem da substituição dos velhos modos de construir, símbolo de um tempo de miséria e carência, por novas técnicas que atrás de si trazem uma certa ideia de progresso e desenvolvimento, os propósitos dessa aposta nos velhos saberes não se esgota nas questões meramente técnicas ligadas às práticas conservativas mas alarga-se aos domínios sociais, já que ao valorizá-los contribui para elevar a auto-estima destas populações e, por arrasto, dinamizar e desenvolver o potencial endógeno a que estão associados.

Qualquer um dos projectos que se enquadram nas cinco categorias atrás referidas contém assim indicações resultantes dos estudos e levantamentos dos materiais e técnicas tradicionais de construção que foram sendo elaborados ao longo do período de vida do Gabinete, constituindo documentos prévios da publicação prevista, em livro, de um guia da construção tradicional, nomeadamente no que se refere a calçadas e alvenarias de xisto e pormenores construtivos relativos a coberturas, vãos, caixilharias e chaminés. Por outro lado, a integração desses materiais e técnicas não é no entanto feita de forma acrítica e absoluta mas antes guiada pela consciência de que apenas se pode recuperar a matéria e nunca o contexto em que a mesma foi criada ou concebida.

O respeito pela matéria que constitui as preexistências, traduzido no esforço de manutenção tanto quanto possível da autenticidade do objecto da intervenção, nas suas várias dimensões e considerando todos os contributos incorporados, não invalida nem impede, nos processos de ampliação ou de integração de novas construções, a afirmação do recurso a novas linguagens e modelos, procurando sempre estabelecer um diálogo integrador mas recusando quaisquer processos ou intenções miméticas.

¹ FREITAS, Miguel (coord. geral) – *Programa de Intervenção das Aldeias do Algarve. Vol. 1: Plano Estratégico para as Áreas de Baixa Densidade do Algarve*. Faro: CCRAI, 2002. Vol. 1. ISBN 972-643-127-1

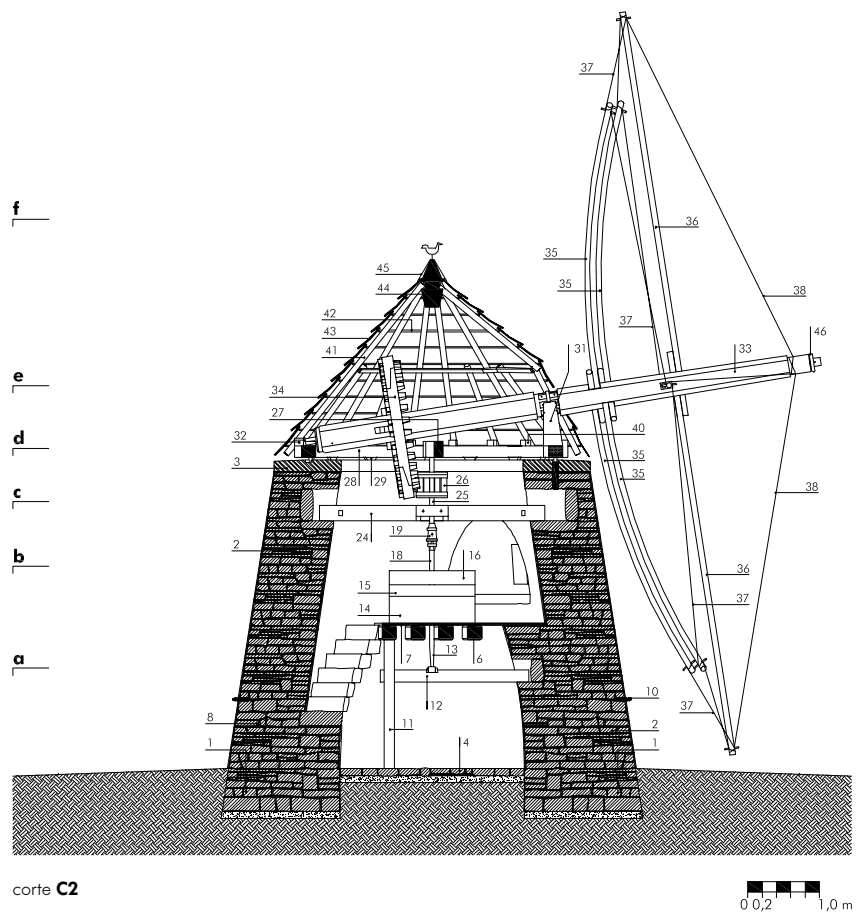
² COMISSÃO DE COORDENAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL DO ALGARVE – *Quadro Comunitário de Apoio III, Proalgarve Programa Operacional do Algarve 2000-2006*. [Em linha]. Faro: CCRAI, 2000. Disponível na Internet: <http://www.qca.pt/pos/download/2000/proalgarve.pdf>. [Consulta Fev. 2007].

³ COSTA, Miguel Reimão – *Aldeias do Algarve: proposta para uma intervenção à escala local*. Sociedade e Território. Porto. ISSN 0873-6308. N.º 36 (2003). p. 34.

⁴ 3º COLÓQUIO INTERAMERICANO SOBRE A CONSERVAÇÃO DO PATRIMÓNIO MONUMENTAL, ICOMOS, Tlaxcala, 1982 – *Declaração de Tlaxcala sobre a revitalização das pequenas aglomerações*. [Em linha]. IPHAN. Disponível na Internet: <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=254>. [Consulta Nov. 2006].

figura 8
Cachopo, Reconstrução do Moinho Branco: picagem da mó
f S M





corte C2

figura 211
Aspecto da mó a ser içada
f S M



figura 212
Preparação do terreno
Sílvia Bento



figura 213
Execução da sapata de fundação
Sílvia Bento



figura 214
Início da execução da parede em alvenaria de xisto
Sílvia Bento



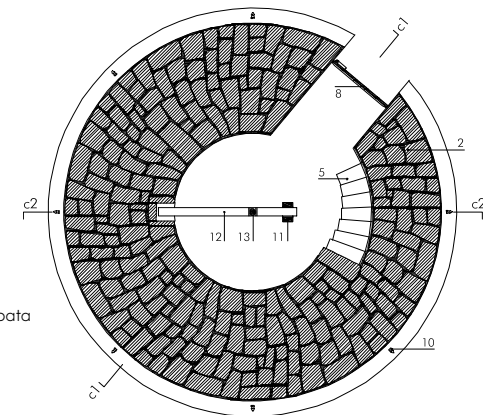
figura 215
Execução da parede em alvenaria de xisto
Sílvia Bento



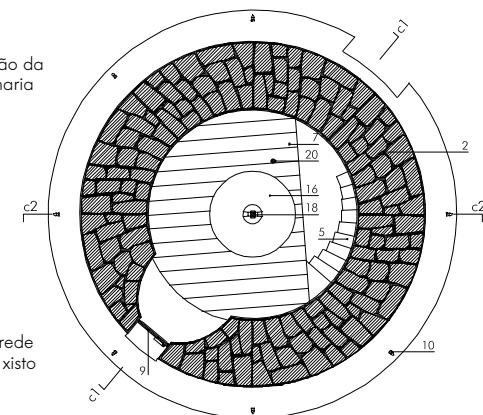
figura 216
Alvenaria de xisto em fase de conclusão
f GTAA



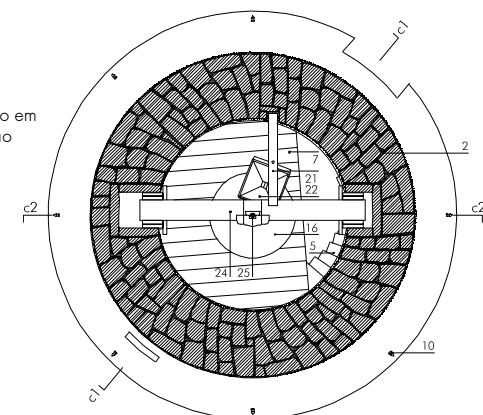
figura 217
Vista geral em fase de conclusão
f S M



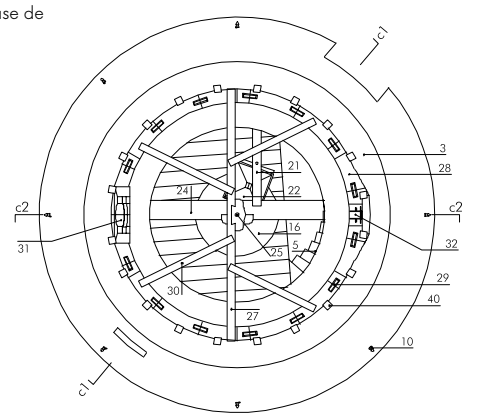
planta A



planta B



planta C



planta D

Pavimentos

01 02 03 04 11 12
Remoção do pavimento existente e/ou aplicação de mosaico hidráulico 0.40x0.40, de cor idêntica à do existente;

05 07 10
Afastamento do pavimento existente, com eventual betumagem das juntas, e aplicação de cera natural branca neutra, em pasta, e colocação, nas zonas em falta, de rodapé de madeira pintado com tinta de esmalte de cor idêntica à existente;

06 08 09
Aplicação de "parquet" flutuante 2.44x0.39 de painéis de alma contraplacada de madeira impregnada de resinas fenólicas termoendurecíveis e superfície de madeira natural protegida, de cor claro acetinado, sobre manta de neopreno, em superfície bem nivelada.

Soleiras

01 05 07 10 12
Remoção da soleira existente e/ou aplicação de soleira de pedra calcária da região, polida;

06 08 09 11
Colocação de soleira de chapa de aço laminado a quente, limpa com jacto de areia, galvanizada e pintada com esmalte forja.

Paredes

01 12
Pintura com tinta de água lisa mate de cor branca;

02 03 04
Revestimento, até à altura definida nas peças desenhadas, com azulejo vidrado 0.10x0.10 de cor branco mate, e pintura com tinta de água lisa mate de cor branca;

05 07 10
Remoção de alheta de madeira e pintura com tinta de água lisa mate de cor branca;

06 08 09

Aplicação de painéis de alma contraplacada de madeira impregnada de resinas fenólicas termoendurecíveis e superfície de madeira natural protegida, de cor claro acetinado, com fixação oculta;

11
Aplicação de painéis de partículas de madeira e cimento.

Tectos

01 10 12
Pintura com tinta de água lisa mate de cor branca;

02 03 04
Pintura com tinta de água lisa mate de cor branca, com aditivo anti-fungos;

05 07
Execução de rodadecto de estuque de acordo com o existente, nas paredes a construir, e pintura com tinta de água lisa mate de cor branca;

06 08 09 11
Estrutura aparente composta por vigas metálicas HEB 160 e cofragem perdida de chapa de aço laminado a quente, limpas com jacto de areia, galvanizadas e pintadas com esmalte forja.

Reconversão da Escola Primária de Santa Rita em Centro de Investigação e Informação do Património de Cacela

Câmara Municipal de Vila Real de Santo António

Estudo prévio
Abril 2002

Projecto de execução
Dezembro 2002

Obra
2003/2004



O Projecto de reconversão da Escola Primária de Santa Rita em Centro de Investigação e Informação do Património de Cacela integra o Plano de Intervenção de Cacela, correspondendo à Acção 4.1, relativa às Estruturas de divulgação e animação, da Medida 1 de Promoção, divulgação e animação sócio-cultural, acção essa à qual estavam associados os objectivos de investigação, divulgação e exibição do património histórico-artístico da freguesia e constituição de um pólo de suporte inserido na rede de Caminhos do Património e Percursos da Natureza, para o que a criação de um espaço sede adquiria grande importância.

A proposta, procurando tirar partido da sua simetria funcional, mantém a divisão funcional do edifício em dois espaços autónomos com entradas independentes de forma a criar as duas áreas de uso distinto previstas no programa.

Construído em 1959, o edifício da Escola Primária de Santa Rita corresponde à solução A, com duas salas e separação das turmas feminina e masculina e cobertura de duas águas, do esquema Tipo Rural¹ desenvolvida pelo arquitecto Fernando Peres a partir do seu primeiro estudo apresentado ao MOP em 1956, revelando, no recurso a elementos construtivos normalizados, reduzindo elementos arquitectónicos considerados dispensáveis e eliminando os desnecessários, a simplificação extrema e progressiva dos espaços interiores e acabamentos exteriores característica dos projectos da segunda fase do Plano dos Centenários.

¹ BEJA, Filomena; SERRA, Júlia; MACHÁS, Estella; SALDANHA, Isabel – *Muitos Anos de Escolas. Volume II: Anos 40-Anos 70*. Lisboa: Ministério da Educação/ Departamento de Gestão de Recursos Educativos, 1996. ISBN: 972-8314-06-X.

O edifício apresenta na sua distribuição interna de espaços uma rigorosa simetria, fruto da repetição, em espelho, da solução base de uma única sala, sendo constituído por um volume central principal, ao qual correspondem as duas salas de aula, e dois volumes mais baixos, um de cada lado, recuados relativamente ao plano de fachada do volume principal e destacados do plano de tardo, onde se localizam os alpendres cobertos e encerrados (de acordo com a solução que seria, de forma geral, adoptada posteriormente) correspondentes às entradas para cada sala de aula e acesso às instalações sanitárias.

Ficha Técnica

Coordenação
Miguel Reimão Costa

Arquitectura
Alexandre Miguel Costa, Miguel Reimão Costa e Vítor Ribeiro

Arquitectura Paisagista
Ángela Santos e Sílvia Caiado

Engenharia Civil
Adélia Salvador

Engenharia Electrotécnica
Rui Pereira

Medições e Orçamento
Paulo Silva

Design e Projecto Gráfico
Stefano Malobbia

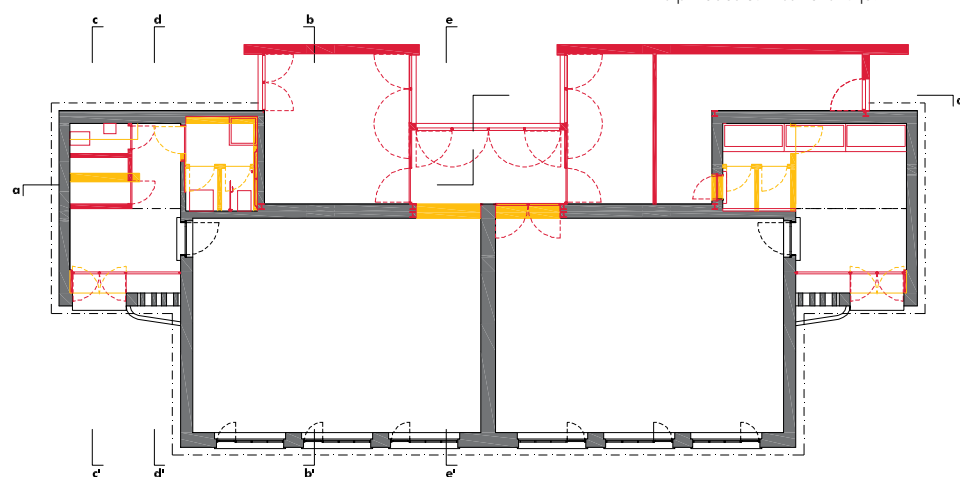
Topografia
Francisco Sousa e Luís Cruz¹

¹ GAT de Tavira

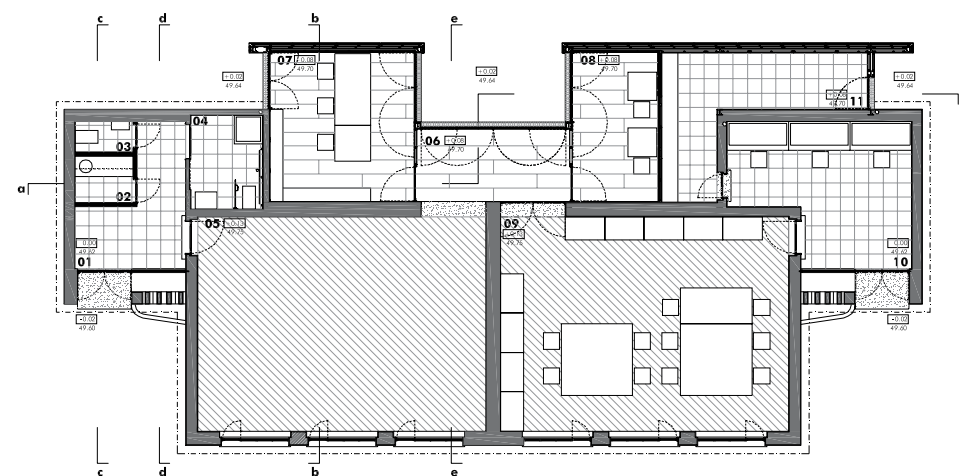
figura 267
Sala de registo, estudo e armazenamento de materiais arqueológicos (compartimento 09)

figura 268
Vista geral do novo volume adossado à fachada tardoz

f s m



planta do piso térreo: cores convencionais



planta do piso térreo: proposta



Planta do piso térreo. Mapa de pavimentos propostos

Legenda

- Pavimento existente de tacos de madeira, a recuperar
- Mosaico hidráulico 0.40x0.40, de cor idêntica à do existente, a aplicar em substituição deste
- Pavimento flutuante 2.44x0.39 de painéis de alma contraplacada de madeira impregnada de resinas fenólicas termoendurecíveis e superfície de madeira natural protegida, a aplicar
- Soleiras em pedra calcária da região, polida, a aplicar
- Soleiras de chapa de ferro quinada e pintada com esmalte forja, a aplicar

Pormenores construtivos Legenda

- 1 Perfis de aço laminado a quente HEB160 com acabamento em tinta de esmalte forja;
- 2 Viga de fundação de betão armado;
- 3 Cofragem perdida de chapa de aço laminado a quente com acabamento em tinta de esmalte forja;
- 4 Laje mista;
- 5 Camada de forma com 1,5% de inclinação;
- 6 Impermeabilização;
- 7 Painéis de poliestireno extrudido;
- 8 Separador em tecido de poliéster calandrado;
- 9 Seixo rolado de granulometria homogénea;
- 10 Rufo de zinco;
- 11 Cantoneira de aço laminado a quente 50x5 com acabamento em tinta de esmalte forja;
- 12 Perfil oco de secção rectangular de aço laminado a quente 60x40x3.2 com acabamento em tinta de esmalte forja;
- 13 Perfil oco de secção rectangular de aço laminado a quente 80x50x3.2 com acabamento em tinta de esmalte forja;
- 14 Perfil oco de secção rectangular de aço laminado a quente 80x40x3.2 com acabamento em tinta de esmalte forja;
- 15 Perfil oco de secção rectangular de aço laminado a quente 60x40x3.2 com acabamento em tinta de esmalte forja;
- 16 Painéis de alma de fibras de celulose impregnadas de resinas fenólicas e superfície de madeira natural protegida, cor claro acetinado, 11 mm;
- 17 Fixação oculta dos painéis fenólicos;
- 18 Painéis de madeira e cimento, 16 mm;
- 19 Reboco e pintura;
- 20 Chapa quinada de aço laminado a quente com acabamento em tinta de esmalte forja;
- 21 Cantoneira de abas iguais de aço laminado a quente 30x30 com acabamento em tinta de esmalte forja;
- 22 Vão constituído por caixalharía de perfis de aço laminada a frio com acabamento em tinta de esmalte forja e vidro simples do tipo "SGG Stadiip" 33.1;
- 23 Portada constituída por aro de aço laminada a frio com acabamento em tinta de esmalte forja e painéis de alma de fibras de celulose impregnadas de resinas fenólicas e superfície de madeira natural protegida, cor claro acetinado, 9 mm;
- 24 Manta de neopreno;
- 25 Argamassa de assentamento;
- 26 Betonilha;
- 27 Massame de betão;
- 28 Enrocamento;
- 29 Pavimento existente;
- 30 Laje de pavimento existente;
- 31 Soleira de pedra calcária;
- 32 Soleira de chapa quinada de aço laminado a quente;
- 33 Parede existente;
- 34 Betão de limpeza;
- 35 Terreno natural.

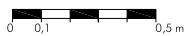
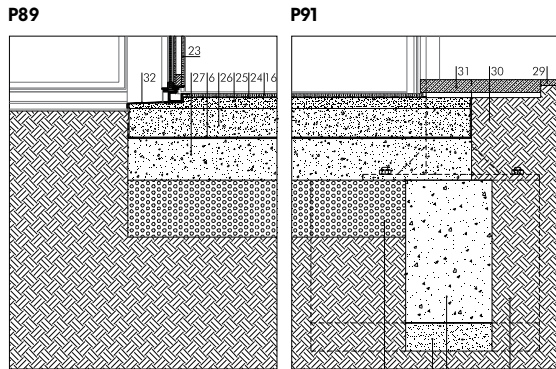
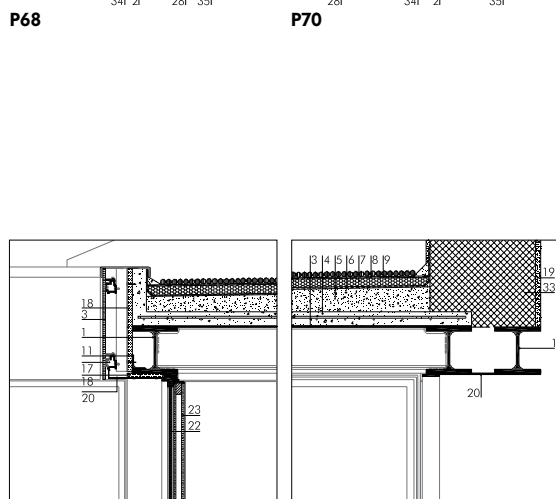
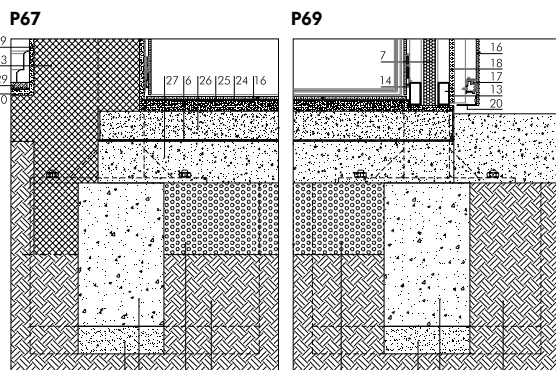
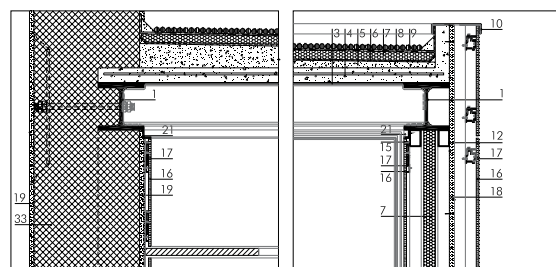


figura 274
Sala de arrumos no novo volume (compartimento 11)
f S M



figura 275
Sala de documentação (compartimento 07)
f S M



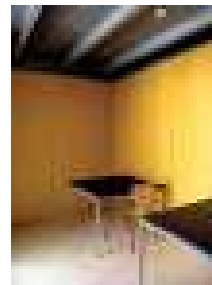
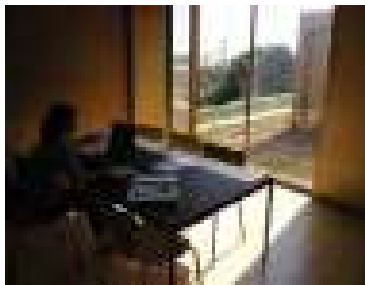
à direita

figura 276
Sala de lavagem de materiais arqueológicos (compartimento 10)



figura 277
Pormenor da bancada de lavagem (compartimento 10)

f S M

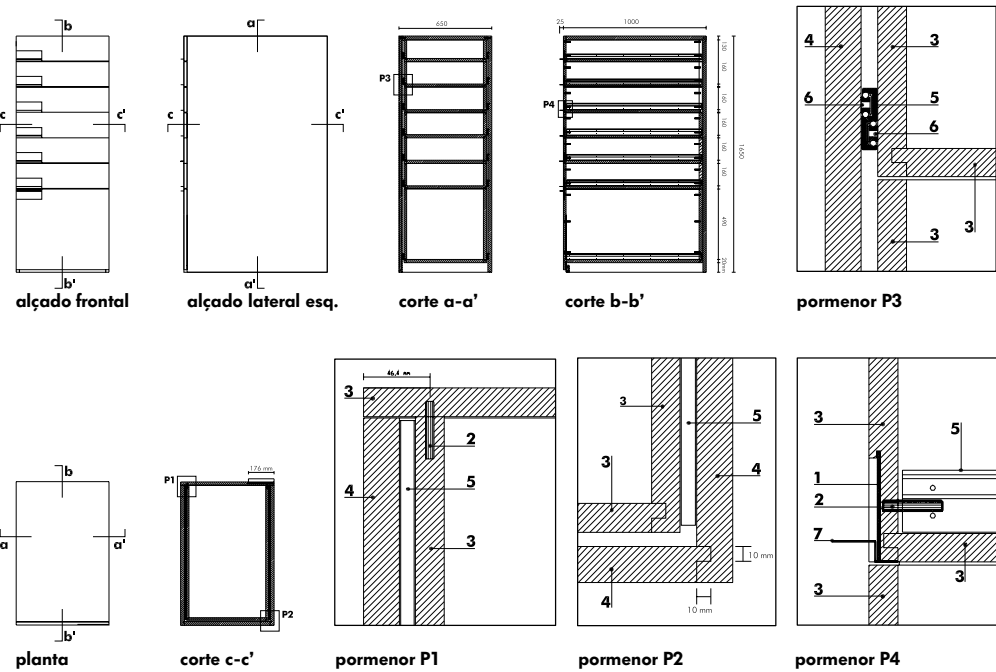


à esquerda

figura 278
Sala de documentação (compartimento 07)

figura 279
Sala de internet (compartimento 08)

f S M



Móvel arquivador M5 Legenda

- 1 Chapa acrílica transparente, esp. 3 mm, removível
- 2 Cavilha de entalhes múltiplos em madeira Ø 6/8 mm colada com cola para madeira PVAC
- 3 Painel de composto de fibras de madeira, hidrófugo, tipo Valchromat Sbl, cor antracite com acabamento natural, esp. 19 mm
- 4 Painel de composto de fibras de madeira, hidrófugo, tipo Valchromat Sbl, cor antracite com acabamento natural, esp. 25 mm
- 5 Guia telescópica do tipo Rollon DS28
- 6 Parafuso M5 UNI5933
- 7 Chapa de aço, esp. 1 mm, quinada em 2 pontos e aparafusada à gaveta com acabamento natural



figura 280
Sala de registo, estudo e armazenamento de materiais arqueológicos (compartimento 09)

figura 281 (ao lado)
Pormenor dos armários de armazenamento de materiais arqueológicos (compartimento 09)

f S M



Junta de Freguesia de Vaqueiros

- a.01 Forno: 8.26 m²
- a.02 Arrumos: 34.15 m²
- a.03 Loja 1: 13.60 m²
- a.04 Loja 2: 13.60 m²
- a.05 Sala polivalente: 80.52 m²
- a.06 Arrumos: 25.99 m²
- a.07 Vestíbulo: 4.11 m²
- a.08 Arrumos: 3.33 m²
- a.09 Lavabo: 4.20 m²
- a.10 Instal. sanitária (homens): 1.59 m²
- a.11 Instal. sanitária (senhoras): 1.84 m²
- a.12 Lavabo - (senhoras)
- a.13 Instal. sanitária (senhoras)
- a.14 Duche - (senhoras)
- a.15 Lavabo - (homens)
- a.16 Instal. sanitária (homens)
- a.17 Duche - (homens)

Clube Desportivo de Vaqueiros

- b.01 Sala polivalente: 63.38 m²
- b.02 Palco: 9.34 m²
- b.03 Bar: 11.88 m²
- b.04 Arrumos: 8.67 m²
- b.05 Lavabo: 2.62 m²
- b.06 Instal. sanitária (senhoras): 1.32 m²
- b.07 Instal. sanitária (homens): 1.32 m²

Pavimentos

- a.01 Calçada de xisto colocada a cutelo;
- a.01, a.02, a.03, a.04, a.05, a.06, a.07, a.08, a.09, a.10, a.11, b.01, b.02, b.03, b.04, b.05, b.06, b.07 Ladrilho de barro cozido de "Santa Catarina" 0.30x0.15, encerado ou envernizado, após limpeza, lavagem com desengordurante, enxaguamento com água, secagem e aplicação de mistura 50/50 de águarras e óleo de linhaça.

Soleiras

- Chapa quinada de aço laminado a quente, de 3 mm, limpa a jacto de areia, galvanizada e pintada com esmalte forja;

Paredes

- a.02, a.03, a.04, a.05, a.06, a.07, a.08, b.01, b.02, b.04 Pintura com tinta de água lisa mate de cor branca;
- a.09, a.10, a.11, b.03, b.05, b.06, b.07 Revestimento, até à altura de 2.00 m, com azulejo vidrado 0.10x0.10, de cor branco mate, pintura com tinta de água lisa mate de cor branca.

Tectos

- a.01, a.07, a.08, a.09, a.10, a.11, a.11 Pintura com tinta de água lisa mate de cor branca;
- a.02, a.03, a.04, a.05, a.06, a.11, b.01, b.02, b.03, b.04, b.05, b.06, b.07 Estrutura aparente composta por vigas metálicas HEB 240 e cofragem perdida de chapa de aço laminado a quente, limpa com jacto de areia, galvanizada e pintada com esmalte forja.

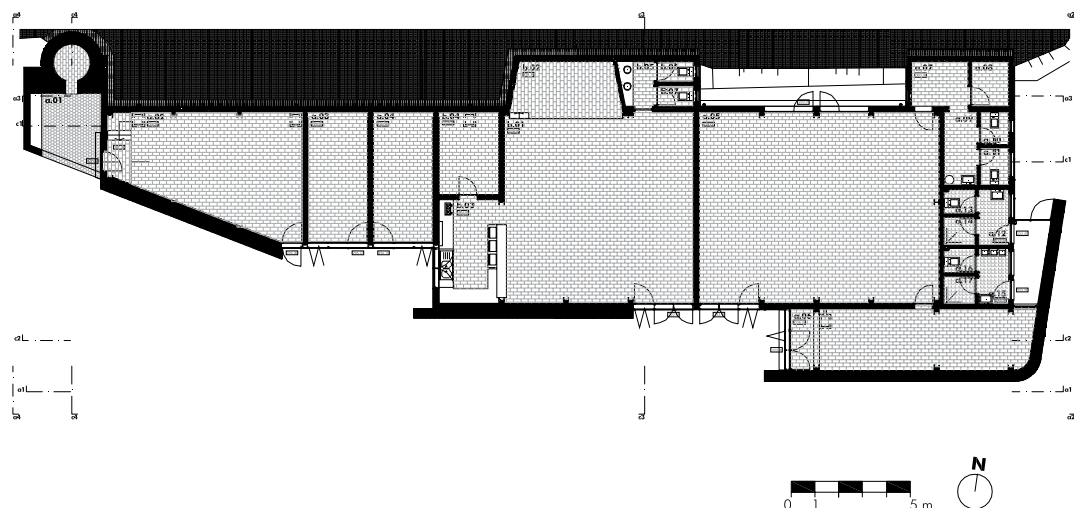


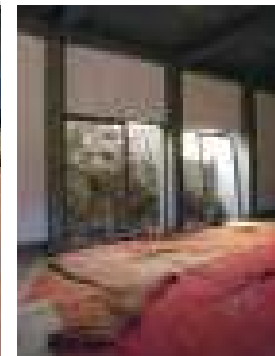
figura 301
Sala polivalente do Clube Desportivo
f S M



Estudo prévio
Abril 2002

Projecto de execução
Março 2004

Obra
2006/...



O Projecto do edifício polivalente de Vaqueiros integra o Plano de Intervenção de Vaqueiros, correspondendo à Acção 1.1 da Medida 1, relativa à Criação e qualificação das estruturas de utilização colectiva, à qual estavam associados os objectivos de criação e dinamização de um espaço de várias valências com importância na dinamização local, no apoio à produção e comercialização das actividades produtivas artesanais, na qualificação de instalações de associações e instituições com importância na dinâmica social do aglomerado e na reabilitação do principal espaço de chegada à aldeia.

A implantação dos edifícios preexistentes na área de intervenção, resultou da intervenção de corte, em parte, do maciço rochoso onde assenta a Igreja, constituindo um processo de desvalorização da percepção daquele edifício a partir da criação de um primeiro plano de elementos que eram, na generalidade, dissonantes. Tal condição estava associada não apenas à linguagem arquitectónica deste conjunto edificado como também à escolha de materiais e à conformação das volumetrias na resolução dos desníveis existentes e na integração de coberturas. Da mesma forma constituía o conjunto preexistente um primeiro plano dissonante na percepção da envolvente paisagística da aldeia do observador localizado no adro da Igreja, conformado pela presença de coberturas planas de tela à vista e inclinadas de fibrocimento e telha lusa.

As funções inseridas neste conjunto eram as relativas a instalações sanitárias públicas, a um armazém da Junta de Freguesia, às instalações do Clube Desportivo de Vaqueiros e a um espaço com funções várias propriedade também da Junta de Freguesia.

A reconversão funcional do edifício proposta parte da preservação do regime de propriedade existente e da integração de uma sala polivalente no espaço do armazém, da preservação da localização da sede do Clube e da criação de três espaços autónomos, no sector poente do conjunto, que poderão albergar as funções do centro de artes e ofícios e casa de artesanato.

Integra ainda a proposta um forno de pão exterior de construção assente nos processos tradicionais correspondendo à utilização deste espaço durante a Feira anual do pão quente e queijo fresco.

Reflectindo a importância atribuída pelo Plano a este projecto na redução dos impactes negativos provocado por um conjunto de edificações dissonantes, enquanto primeiro plano na importância urbanística do conjunto do edifício da Igreja e do Cemitério e da envolvente paisagística, a proposta apresentada considera o propósito da valorização do enquadramento do edifício da Igreja, trabalhando com a memória do afloramento no qual assentava através da construção em alvenaria de xisto do paramento exterior da parede dupla, procurando introduzir um primeiro plano de grande simplicidade atrás do qual se percepção aquele edifício.

As entradas nos vários espaços que formam o edifício polivalente, resultam do desencontro de planos de muros, que correspondem ainda às entradas de luz.

A opção pela solução de cobertura plana está associada à intenção de reduzir o impacto da volumetria do conjunto, reforçando através do respectivo revestimento com talisca de xisto o carácter "naturalista" preconizado.

A proposta apresentada considera o propósito da valorização do enquadramento do edifício da Igreja, trabalhando com a memória do afloramento no qual assentava através da construção em alvenaria de xisto do paramento exterior da parede dupla, procurando introduzir um primeiro plano de grande simplicidade atrás do qual se percepção aquele edifício.

Ficha Técnica

Coordenação
Miguel Reimão Costa (Ep, Pe)
Vitor Ribeiro (Obra)

Arquitectura
Miguel Reimão Costa (Ep, Pe)
Alexandre Miguel Costa e
Vitor Ribeiro (Ep, Pe, Obra)

Arquitectura Paisagista
Ângela Santos e Sílvia Caiado (Ep, Pe)
Marta Almeida (Obra)

Engenharia Civil
Adélia Salvador

Engenharia Electrotécnica
Rui Pereira

Medições e Orçamento
GAT Tavira

Design e Projecto Gráfico
Stefano Malobbia

Topografia
Francisco Sousa e Luís Cruz¹

¹ GAT Tavira

figura 302
Aspecto da construção de muro em alvenaria de xisto
f A J

figura 303
Sala polivalente da Junta de Freguesia
f S M

Pormenor construtivo Legenda

- 1 Terra bem compactada;
- 2 Betão de limpeza;
- 3 Sapata de betão armado;
- 4 Muro de betão armado;
- 5 Muro de alvenaria de xisto de juntas secas assente com argamssa de barro, a construir como cofragem perdida do muro de betão;

- 6 Camada de forma;
- 7 Tubo de PVC , Ø 100, i= 0,5%;
- 8 Enrocamento;
- 9 Canteiro a plantar com vegetação autóctone;
- 10 Guia de remate definida por blocos de xisto colocados a cutelo;
- 11 Saibro;
- 12 Calçada irregular de xisto;
- 13 Muro de alvenaria de xisto de juntas secas assente com argamssa de barro;
- 14 Lajes de capeamento de dimensões variáveis, nunca inferiores a 0,20x0,20x0,06m.



figura 342
Construção do muro de suporte misto de alvenaria de xisto e betão armado
Alexandre Miguel Costa

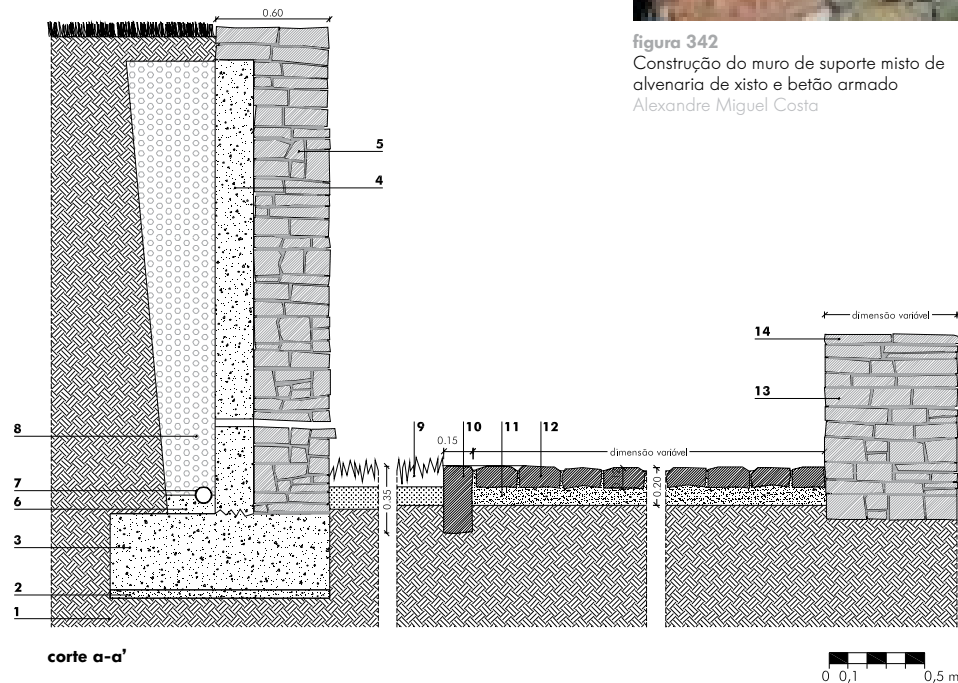


figura 343
Vista geral do poço, ribeira e percurso para norte fGTAA

figura 344
Degraus na calçada de xisto fGTAA

figura 345
Calçada irregular de xisto, no percurso a norte fGTAA

figura 346
Pormenor de capeamento em blocos de xisto fGTAA

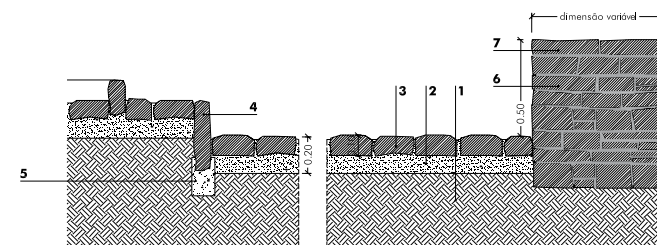
figura 347 (linha em baixo à esq.)
Poço após intervenção Vitor Ribeiro

figura 348 (linha em baixo à dir.)
Calçada, muro e alpondras, após da intervenção fSM



Cortes b-b', c-c' Legenda

- 1 Terra bem compactada;
- 2 Saibro;
- 3 Calçada irregular de xisto;
- 4 Guia de travamento em paralelepípedo de xisto colocado no sentido transversal da via;
- 5 Sapata de betão;
- 6 Muro de alvenaria de xisto de juntas secas assente com argamssa de barro;
- 7 Lajes de capeamento de dimensões variáveis, nunca inferiores a 0,20x0,20x0,06m.



corte c-c'

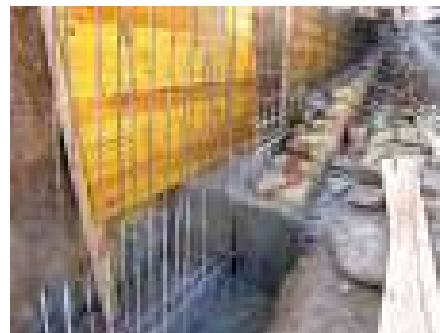
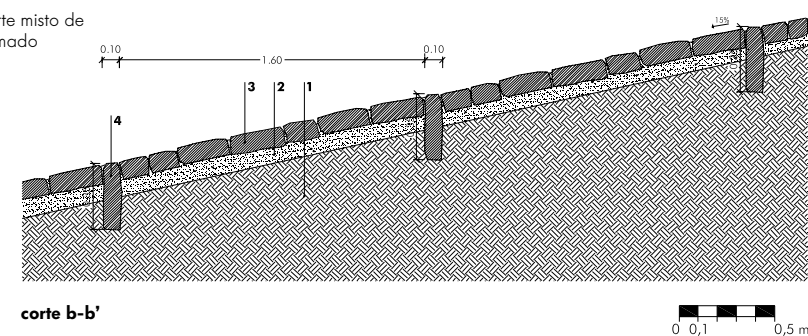


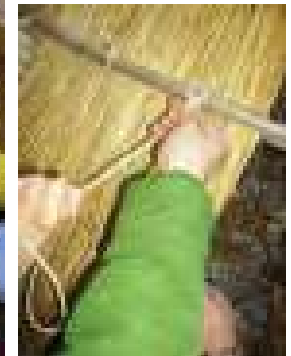
figura 349
Construção do muro de suporte misto de alvenaria de xisto e betão armado fSM



corte b-b'

figura 350
Calçada e muros de xisto no percurso a sul/poente, após intervenção fGTAA





figuras de 398 a 406

- Participantes durante a componente prática:
- 1 Execução de acabamentos de superfícies parietais;
 - 2 Construção de muro em alvenaria de xisto;
 - 3 Pormenor de assentamento de pedras com argamassa de barro;
 - 4 Construção de verga de vão em tijolo de barro;
 - 5 sr. António Xavier, demonstrando a construção de verga de vão em tijolo de barro;
 - 6 sr. António Xavier, demonstrando a execução de alvenaria de xisto;
 - 7 sr. João Neves, demonstrando a execução de acabamentos de superfícies parietais;
 - 8 Assentamento de calçada de xisto;
 - 9 Construção de muro em alvenaria de xisto;

398, 399, 402, 404 f S M
400, 401, 405, 406 Marta Almeida
403 Inês Faleiro



Com a realização desta oficina pretendia-se fazer uma abordagem complementar eminentemente prática e demonstrativa/experimental, relativamente à abordagem teórica levada a efeito com o seminário "Materiais e Técnicas de Construção Tradicional: um património com futuro?", do qual aliás havia sido pensada como uma segunda parte. Assim, aos objectivos daquele seminário, a oficina acrescentava os seguintes propósitos:

- a) Proporcionar o contacto físico e prático com materiais e técnicas de construção tradicional, considerando para o efeito que a melhor forma de promover o seu conhecimento e uso é, mais do que "mil palavras", aprender a "mexer nas coisas";
- b) Promover a discussão e troca de informações tendo a vista a elaboração do "Manual de Construção Tradicional".

Os conteúdos pedagógicos da acção repartiram-se pelas várias técnicas tradicionais correspondentes a quatro temáticas básicas: "Técnicas de construção em xisto", "Coberturas tradicionais", "Argamassas de revestimento" e "Acabamentos de superfícies parietais". A oficina decorreu ao longo da semana de 26 a 30 de Novembro de 2007, na aldeia de Cachopo, concelho de Tavira, tendo o primeiro dia comportado uma componente teórica prévia, que contou com cerca de 60 inscritos e em que intervieram o arquitecto Vítor Ribeiro, coordenador da equipa de projecto do GTAA Sotavento, a arquitecta paisagista Marta Almeida, a arquitecta Marta Santos e o arquitecto Alexandre Miguel Costa, técnicos do GTAA Sotavento, o professor engenheiro Jorge Bastos, professor catedrático da FAUTL e coordenador científico do 6º curso de Mestrado em Reabilitação da Arquitectura e Núcleos Urbanos da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, e a engenheira Maria Goreti Margalha, assessora do Município de Beja e docente convidada do curso de Arquitectura da Universidade de Évora.

A abordagem prática, que decorreu ao longo dos restantes quatro dias, proporcionou aos 25 participantes nessa componente, com formação superior à escolaridade obrigatória, a observação da execução de trabalhos de aplicação de materiais e técnicas de construção tradicional, levando-os ainda a executar algumas fases de trabalho. Esta componente decorreu com o acompanhamento técnico especializado dos técnicos do Gabinete arquitecto Alexandre Miguel Costa, arquitecta Marta Santos e arquitecta paisagista Marta Almeida e dos artífices locais Manuel Xavier, Manuel João e Manuel Lourenço, sob a coordenação de João Neves, técnico formador do CENFIC contratado para o efeito.

Registe-se ainda que o evento constituiu por si só um importante factor extra de animação sociocultural numa aldeia que, como muitas outras do interior serrano, sofre os efeitos da desertificação humana.

Os conteúdos pedagógicos da acção repartiram-se pelas várias técnicas tradicionais correspondentes a quatro temáticas básicas: "Técnicas de construção em xisto", "Coberturas tradicionais", "Argamassas de revestimento" e "Acabamentos de superfícies parietais", tendo sido proporcionado aos 25 participantes na componente prática a observação e experimentação da execução de algumas fases de trabalhos de aplicação de materiais e técnicas de construção tradicional.



Cartaz da oficina

figuras 407

Participantes no módulo prático da Oficina: execução de calçada de xisto a cutelo
Marta Almeida

figuras 408

Participantes no módulo prático da Oficina: cobertura tradicional em palha de centeio
f GTAA